

CLASSE MÉDIA ■ Brasileiros investiam três vezes mais há trinta anos

Famílias deixam de poupar e pagar as suas contas em dia

Sabrina Lorenzi

Investimentos reduzidos em imóveis e reformas, contas atrasadas, participação menor no consumo do País. Assim caminha a classe média brasileira: mais numerosa, porém menos abastada do que nos áureos tempos do "Milagre Econômico" (anos 70). A trajetória das despesas das famílias brasileiras por diferentes níveis de renda é um dos temas do livro "Gasto e Consumo das Famílias Brasileiras Contemporâneas", que será lançado até junho pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

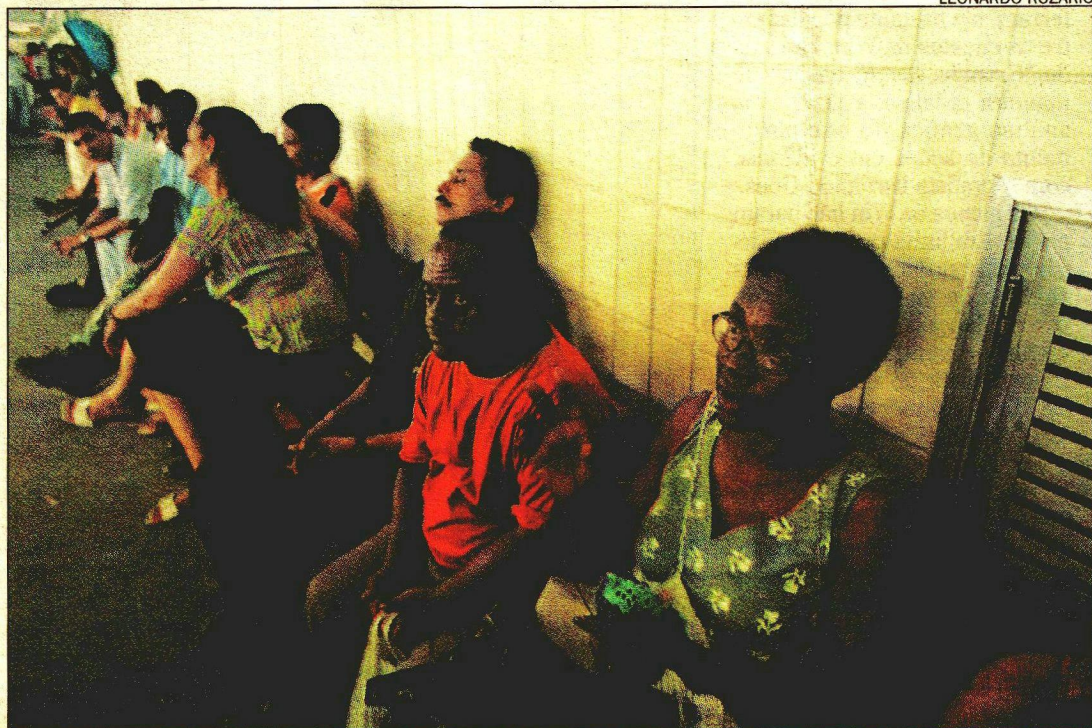
O livro do Ipea mostra que as famílias que ganham acima de R\$ 3 mil viram a participação na demanda brasileira recuar de 68% para 64% nas últimas duas décadas. Ao mesmo tempo, os mais pobres passaram a comprar mais casas e automóveis, bem como tiveram mais acesso a móveis e eletrodomésticos.

Os 50% mais pobres dobraram a participação na aquisição de casas e apartamentos, enquanto a faixa intermediária da ala mais rica, com renda média entre R\$ 3,5 mil e R\$ 5,7 mil, teve a fatia no mercado de imóveis reduzida de 29% para 18%. A classe mais rica também passou a responder menos pelo mercado de móveis, de 28% para 21%.

O brasileiro podia investir, em média, três vezes mais há trinta anos. Menos de 5% da renda média dos brasileiros é aplicada em imóveis. Na década de 70, 15% do orçamento familiar era destinado a investimento.

Entre as mudanças as pressões sobre a classe média, o Ipea destaca o surgimento dos planos de saúde na década de 80. Alados ao aumento da carga tributária, as despesas extras com saúde e escola particular — também desnecessária quando o Estado tinha condições de fornecer educação de qualidade — pressionaram o orçamento da classe média. A solução foi cortar investimentos e até atrasar contas.

Os mais atrasados para pagar contas recebem rendimento bem acima da média do País, revela um dos estudos incluídos no livro do Ipea, assinado pelos economistas Rogério Edivaldo e Alexandre Nunes de Almeida. No



Desiludida, a classe média disputa espaços com os mais pobres em busca de saúde

Nordeste, 53% das famílias que ganham de 10 a 25 salários mínimos pagam faturas de água, luz e gás depois do vencimento. Na faixa de até cinco salários, o atraso atinge 45% das famílias da região. No Sul, o mesmo acontece com alugueis, mas em menor grau. Na região Sudeste, a classe média atrasa mais que os pobres

Os estudos detalham com microdados inéditos as três últimas edições da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 1987 a 2003. O pesquisador Fernando Gaiger, organizador da publicação do Ipea, afirma:

— Dada a desigualdade que temos no País, essa classe média que costumamos considerar, na verdade, é formada por ricos.

Tanto que a última Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD), de 2005, mostra que os brasileiros 10% mais ricos, no topo da pirâmide social, têm renda média declarada de R\$ 3,6 mil. Nas contas de Gaiger, essa renda é 40% maior em média, porque está subesti-

mada (costuma-se declarar em média 60% da renda) e, portanto, o rendimento vai a R\$ 5 mil.

Os pesquisadores chamam também de classe média os 20% de brasileiros mais ricos que, na pirâmide social, ficam abaixo do topo dos 10%. Com exceção dos 5% brasileiros mais ricos, os 25% mais ricos abaixo constituiriam, segundo ele,

o que estamos acostumados a classificar de classe média.

— Perdemos oportunidades históricas de fortalecer a classe média, com aumento do crescimento econômico. Ela está andando hoje melhor

do que há alguns anos graças à tendência de desconcentração de renda, à formalização do mercado de trabalho, aos benefícios da previdência — analisa Gaiger.

A percepção de Gaiger sobre a recente melhoria da classe média coincide com as análises do economista Marcelo Neri, chefe do Departamento de Estudos Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) com base na última PNAD, do IBGE. A renda per capita cresceu 5,74% entre os 10% mais ricos em 2005, de-

pois de praticamente ficar estagnada ou recuar nos anos anteriores, desde 1996. Já os 50% mais pobres viram a renda crescer 8,34% no mesmo período — um crescimento com mais "fermento", como observou Neri.

O que vinha acontecendo nos últimos dez anos era o aumento da renda dos mais pobres e a redução do rendimento das classes mais abastadas de renda. A tendência, segundo os pesquisadores, é de melhora para todos, por causa da retomada do nível de emprego formal. Isso ganha reforço com a crescente participação das famílias brasileiras no Produto Interno Bruto (PIB).

Apesar da queda na desigualdade social e no consumo de bens duráveis, o abismo cultural persiste entre ricos e pobres. Os 10% mais ricos respondem por 60% dos gastos com leitura e informática. Também concentram 50% das despesas com shows e teatros. Por outro lado, os mais pobres participam com mais ênfase da venda de discos. A renda dos ricos equivale a um terço do mercado da indústria fonográfica. As boates também são populares, com apenas um quinto das entradas compradas por classes A e B.

Leia mais na página E3

